



(Re) configurações do campo comunicacional a partir da epistemologia ambiental

Eloisa Beling Loose* e José Edmilson de Souza-Lima

Universidade Federal do Paraná, Rua dos Funcionários, 1540, Curitiba, 80035-050, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência.
E-mail: eloisa.loose@gmail.com

RESUMO. O objetivo deste texto é colocar em evidência as mudanças que ocorreram e ainda estão em processo no campo da Comunicação pela incorporação de alguns elementos da epistemologia ambiental. O procedimento metodológico adotado é a revisão de literatura sobre os dois campos estudados, que embasa o exercício analítico-reflexivo de identificação das interfaces entre os campos da Comunicação e do Meio Ambiente. Busca-se expor as contribuições da episteme ambiental na (re)configuração de determinadas áreas comunicacionais, revelando as novas perspectivas trazidas pelo contato e pela relação de um com o outro. Trata-se aqui das epistemologias próprias de cada um destes campos a fim de assinalar mudanças observadas na Comunicação em função da incorporação de fundamentos epistêmicos de um campo ainda em formação – o ambiental. Como resultados, apontam-se perspectivas para a expansão dos estudos de interface, especialmente daqueles de constituição interdisciplinar e com contornos pouco definidos.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, epistemologia, meio ambiente, comunicação.

(Re)configurations of the communicational field as from environmental epistemology

ABSTRACT. Changes which occurred and those in process within the field of communication are highlighted through the incorporation of issues from environmental epistemology. The methodological approach comprises a review of the literature on the two fields under analysis, which underlies the analytical and reflective identification exercise of interfaces between Communication and Environment. The contributions of the environmental episteme in the (re)configuration of specific communication areas are provided. They reveal new perspectives brought by contact and mutual relationship. The epistemologies of Communication and Environment are brought forth to mark changes in Communications due to the incorporation of epistemic foregrounding in the fledging field of the Environment. Results show the perspectives for the expansion of interface studies, especially interdisciplinary ones and those with undetermined outlines.

Keywords: interdisciplinarity, epistemology, environment, communication.

Introdução

O esforço analítico-reflexivo deste texto consiste em avaliar de que modo a epistemologia ambiental adentrou no campo comunicacional e (re)configurou algumas de suas principais subáreas (jornalismo, relações públicas e publicidade). Tendo em vista o caráter fluido – no sentido de que o fenômeno comunicacional está presente em todos os campos – e a crescente presença das problemáticas ambientais na sociedade, observa-se de que maneira elementos da epistemologia ambiental conseguem ser incorporados ou reformulados no âmbito da Comunicação.

Sublinha-se a natureza interdisciplinar da Comunicação e suas constantes relações com a perspectiva ambiental, o que deriva mudanças, em alguns níveis, no próprio pensar e fazer comunicativo.

Fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica a fim de compreender as especificidades do campo em destaque e da epistemologia ambiental (que se constitui em uma espécie de embrião para a formação do campo centrado no Meio Ambiente). Posteriormente, realiza-se uma reflexão sobre as práticas e os trabalhos desenvolvidos como consequência deste diálogo ou simples apropriação.

Natureza interdisciplinar: o que isso significa?

Começa-se com o esclarecimento do que se entende por um conhecimento de natureza interdisciplinar, ou um conhecimento que extrapole as fronteiras de um modo de pensar e fazer único, padronizado. O campo da Comunicação é tido como interdisciplinar, pois surgiu do encontro de diferentes disciplinas das Ciências Humanas que sentiam necessidade de compreender o fenômeno

comunicativo, que acontecia para além das fronteiras disciplinares. As implicações desse processo serão detalhadas no próximo tópico.

É importante notar que a interdisciplinaridade não é um conceito fechado que indica apenas um tipo de relação. Ao contrário, seu entendimento é múltiplo, aberto, relacionado a novas possibilidades de diálogos. Concorde-se com Leis (2005) quando ele a explica como um ponto de cruzamento entre atividades com lógicas diferentes, que oferece um caminho dialógico entre as disciplinas - num sistema de confrontação, que gera análises, sínteses e, muitas vezes rupturas, necessárias para criação de novas relações disciplinares ou mesmo interdisciplinares. Deste modo, o campo interdisciplinar pode ser visto como uma esfera de conhecimento com fronteiras muito porosas e por vezes difíceis de serem reconhecidas. É fruto do contato e da negociação com campos outros, mais fechados, denominados disciplinares.

O campo interdisciplinar não nasce sistemático, nem mesmo se mantém em função de um fazer-se igual. Como nos fala Raynaut (2004), não se decreta um campo como disciplinar, ele vai se construindo desta forma. E isso ocorre não apenas porque o objeto de estudo não se satisfaz em um âmbito único, disciplinar, estando na fronteira das disciplinas, mas também porque a reflexão exigida sobre ele muitas vezes depende ou extrapola as delimitações de uma única disciplina.

Reconhece-se que a interdisciplinaridade só ocorre com base na disciplinaridade, pois sem as delimitações disciplinares como se poderia colocar em prática o confronto entre elas? Haveria razão para um diálogo de fronteiras se elas não existissem de fato? Apesar dos desafios teórico-metodológicos que se impõem, gerando crises e conflitos, a prática interdisciplinar favorece o florescimento de novas perspectivas epistemológicas e também outros posicionamentos dos sujeitos-pesquisadores do campo. Almeida Jr. et al. (2011, p. 313) reforçam essa ideia:

[...] o diálogo entre representantes de culturas acadêmicas diferentes não é simples, envolvendo um posicionamento aberto e respeitoso – uma busca para entender e não simplesmente refutar o que o outro está tentando mostrar.

Neste mesmo sentido, Claude Raynaut lembra que não existe uma fórmula para ensinar ou aprender a interdisciplinaridade, sendo necessária a “[...] adoção de uma nova postura intelectual em face da natureza complexa dos problemas com os quais o cientista contemporâneo se confronta” (RAYNAUT, 2011, p. 70). O engajamento na

tentativa de construir um conhecimento interdisciplinar sinaliza para o entendimento que a racionalidade científica imposta na construção das disciplinas não consegue dar conta dos problemas que emergem da sociedade contemporânea, como, por exemplo, os inerentes à crise ambiental. A insuficiência das partes aponta para a convergência de um todo que pense a complexidade e a totalidade (porém levando em consideração que as partes estão no todo). Este autor coloca, ainda, que as sociedades contemporâneas convivem com problemas híbridos, repletos de contradições e ambiguidades, que não conseguem ser resolvidos apenas por um olhar científico, o que sugere que soluções deverão surgir do relacionamento entre elas.

Ressalta-se que, além das aberturas epistemológicas de cada disciplina e a disposição dos sujeitos oriundos destas, para a ocorrência da interdisciplinaridade ou a formação de um campo interdisciplinar, é preciso se dar conta das contradições e desordens que estão presentes no conhecimento. A perspectiva não disciplinar, que inclui a complexidade, é contra a totalização ou unificação do conhecimento do todo sob um único aspecto. Tal visão busca novas articulações e trocas nas ‘brechas’ de cada campo disciplinar.

Compreende-se que esse processo de se abrir para o diálogo e permitir trocas teóricas e metodológicas, além de fomentar pensamentos abertos que possam trazer soluções novas para os temas de fronteiras (ou problemas híbridos), permite a renovação de questões próprias, ainda que ditas interdisciplinares. Em outras palavras, mesmo aqueles campos de origem e característica interdisciplinar, ao realizar o diálogo de saberes, reconstruem suas problemáticas de estudo e oportunizam novas possibilidades epistemológicas para além de seus domínios ou interesses. As trocas de uma esfera de conhecimento para outro não se limitam a uma fronteira ou outra; elas são múltiplas e podem ressoar para campos não imaginados.

Também se sublinha que há a compreensão de que a epistemologia ambiental está envolvida neste contexto de extrapolação de limites disciplinares, já que seu objeto de interesse – o Meio Ambiente – não se situa em um espaço disciplinar único – ao contrário, ele se move entre e dentro das disciplinas. A problemática ambiental pode (e deve) ser observada por diferentes perspectivas disciplinares, embora se compreenda que apenas por meio de articulações interdisciplinares se conseguirá dar conta da complexidade que envolve os desafios deste campo (VIEIRA, 1993, 1998).

Apresentando o campo comunicacional

Muitos pesquisadores ainda buscam a solidificação dos estudos de Comunicação a fim de torná-la uma disciplina própria, com objeto e metodologia bem definidos, apesar de sua característica não disciplinar ou para além do disciplinar. Os estudos voltados para a Comunicação estão repletos de transversalidades de outras esferas de conhecimento, na maioria das vezes, de áreas que pensam as relações sociais (afinal, a Comunicação permeia toda sociedade). Embora seja paradoxal, a Comunicação parece buscar a dissolução de suas interfaces interdisciplinares a fim de definir autonomamente sua territorialidade disciplinar, ao mesmo tempo, que não tem como negar que constitui objeto de várias outras áreas de conhecimento.

A epistemologia da Comunicação parece estar em constante revisão. É recorrente neste campo de estudo o confronto com a dispersão ou fragmentação teórica. Existem várias teorias próprias da Comunicação, mas falta o trabalho de uma diferenciação construtiva delas que estructure o campo de modo a consolidá-lo como os demais campos científicos formalizados no século XIX.

Lopes (2000/2001, p. 51) aponta que se vê

[...] um movimento de convergência de saberes especializados sobre a comunicação, entendido mais como movimento de intersecção que não é, em hipótese alguma, uma amálgama ou síntese de saberes.

Assim, estudar a Comunicação implicaria compreender as relações de trocas, os entrecruzamentos que estão atrelados ao fenômeno comunicacional, já que o campo apresenta-se como um espaço de combinação de diversas disciplinas e abordagens.

A própria definição do que é Comunicação apresenta-se de forma tão polissêmica (no sentido de partilhar, trocar mensagens, mediar relações humanas, animais e de máquinas, informar, enfim, inúmeras práticas díspares e abertas) que estudiosos interessados na área sentem dificuldades para sistematizar um arcabouço de pressupostos teóricos e metodológicos que dê conta da multiplicidade dos enfoques encontrados no campo. Alguns exemplos são apresentados aqui: Comunicação no sentido do encontro de um com o outro (PERUZZOLO, 2006), como experiência antropológica fundamental (WOLTON, 2004), articulada aos meios, usos e aplicações (RUDIGER, 2011). Este último autor afirma que o conceito evoluiu do século XIX ao XX:

[...] da designação do conjunto de canais e meios de transportes ('comunicações') para o processo social de interação e, finalmente, para o de positividade formada pelas práticas, discursos e ideias instituídas à volta dos meios e técnicas de veiculação social de mensagens, das chamadas tecnologias maquinísticas da Comunicação (RUDIGER, 2011, p. 9, grifo do autor).

Mesmo com a evolução, decorrente das transformações intrínsecas à sociedade, a multiplicidade de conceituações e abordagens permanece presente nos dias de hoje. A Comunicação, entendida como matéria de reflexão, começou a se desenvolver somente no começo do século passado, por volta de 1900, quando as disciplinas tradicionais já desfrutavam de certa estabilização. Tal interesse foi estimulado pela proliferação dos meios de comunicação no mundo (derivado da complexificação e industrialização das sociedades).

O incremento dos estudos na área foi dado por meio de sua inserção nas universidades, que aceitaram a Comunicação como um campo de investigação a partir das convergências de três fluxos: o industrial (as empresas de comunicação demandam recursos humanos qualificados), a profissional (os trabalhadores da mídia reivindicam aperfeiçoamento intelectual) e o cívico (a sociedade civil reage aos produtos veiculados a fim de exigir mais qualidade). E, de acordo com Marques de Melo (2003), nesse momento, o campo comunicacional assume a fisionomia da 'ciência em crise', postulada por Thomas Kuhn, proporcionando o nascimento de uma nova teoria e tradição de ciência. Em função de uma nova conjuntura social, a Comunicação surge da conformação de cinco segmentos da atividade intelectual: Artes, Humanidades, Tecnologias, Ciências Sociais e Conhecimento Midiológico.

Martino (2009) expõe um levantamento que fez dos estudos de Comunicação pensando em uma epistemologia para o campo, no qual aponta que antes de 1920 haveria um período pré-científico; de 1920 a 1930, um 'flerte com a ciência' (quando começam os primeiros esboços de uma possível relação da Comunicação com outras ciências); de 1940 a 1950 um período já enquadrado como efetivamente científico (caracterização da Comunicação como uma ciência interdisciplinar); a seguir um período denominado de cético, que vê a Comunicação como área interdisciplinar, embora já existisse a tentativa de caracterizá-la como um pensamento epistemológico próprio; e, depois dos anos 1980, um período interdisciplinar, no qual um caráter contrário ao pensamento científico e de reação contra ele, faz com que 'vários pesquisadores não somente abandonem, mas também rejeitem

qualquer tentativa de formular a comunicação no plano da ciência'. Este levantamento evidencia que a Comunicação se tornou ciência interdisciplinar, derivada do encontro e diálogo com as demais disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, mas posteriormente buscou um 'fechamento' de seus limites, na tentativa de se posicionar ou se pôr da mesma forma que as demais disciplinas surgidas anteriormente. Contudo, seu intuito de se consolidar como disciplina coincide com o período sinalizado por Braga (2010) como o de 'derretimento disciplinar', no qual aquelas fronteiras longamente estabelecidas começam a se apresentar como menos definidas.

Esta situação faz com que pesquisadores da Comunicação ainda hoje busquem resolver essa dualidade entre o disciplinar e o interdisciplinar. Sua origem a partir da confluência de outras disciplinas e, simultaneamente, o interesse de outras disciplinas na Comunicação fundou uma ciência pluridisciplinar (MUÑOZ, 1995), interdisciplinar (BRAGA, 2011) ou transdisciplinar (LOPES, 2006), que reúne teorias e metodologias provenientes de disciplinas e campos outros para suprir as problemáticas que envolvem a ciência comunicacional.

Aqui é pertinente expor duas ressalvas que envolvem a natureza interdisciplinar da Comunicação. Braga (2010) coloca que quando as disciplinas já constituídas dialogam, sem perder sua identidade científica, com outras disciplinas elas contribuem para a obtenção de conhecimentos compartilhados. Porém, a natureza interdisciplinar da Comunicação não estaria calcada em levar contribuições para outros campos de conhecimento e sim ser "[...] tomada como o próprio âmbito compartilhado entre as disciplinas" (BRAGA, 2010, p. 22), sendo a interdisciplinaridade nesse caso apassivante. Outra diferença estaria no fato de as disciplinas que se encontram em função da Comunicação não apresentarem articulações ou tensões, limitando-se "[...] ao reconhecimento de uma presença de múltiplas disciplinas interessadas (cada uma a seu modo) no fenômeno comunicacional" (BRAGA, 2010, p. 22). Estas duas observações explicitam uma diferenciação no fazer interdisciplinar, entretanto, há discordâncias a respeito de dois pontos: 1º) talvez no início de sua formação a Comunicação pudesse mesmo isentar-se de contribuições, mas isso estaria acontecendo ainda hoje? Acredita-se que as reflexões e análises desenvolvidas no campo comunicacional ressoam nos estudos de Psicologia, de Linguística, de Sociologia, de Educação, entre outros; 2º) se existem disciplinas interessadas no mesmo objeto, ainda que

cada uma a seu modo, é inevitável que mais cedo ou mais tarde, conforme suas aberturas epistemológicas, algo além do reconhecimento acontecerá. A interdisciplinaridade pode surgir também do contato, da convivência.

A particularidade de nascer em um âmbito interdisciplinarizado faz com que dentro e fora do campo existam divergências epistemológicas. Segundo Capparelli e Stumpf (2000, não paginado):

Há quem proponha que não se considere a Comunicação como ciência ou disciplina, visto ela não ter princípios explicativos próprios, seguindo modelos teóricos emprestados de outras disciplinas. Há também aqueles que aceitam a existência de uma disciplina chamada Comunicação, se bem que sinalizando uma ausência de autonomia enquanto campo de conhecimento.

Um dos aspectos que está no cerne desta questão é a metodologia. Para consolidar-se dentro da lógica disciplinar, a Comunicação precisaria, em suma, de um objeto de estudo e de metodologias próprias à sua investigação, gerando um olhar específico com princípios calcados em suas particularidades. Em relação ao objeto de estudo já existe um consenso: a especificidade da Comunicação não é dada por um conjunto de objetos do mundo (a Comunicação não pode ser definida apenas pelos produtos da comunicação de massa, como televisão e rádio, por exemplo) e sim pela forma de apreendê-los e tratar deles sob o enfoque da Comunicação. Braga (2011) define o objeto comunicacional como sendo de dois tipos: 1) toda e qualquer 'conversação' do espaço social e de troca simbólica ou interativa (não restrita à mídia) e 2) aquele que ocorre nos meios de comunicação social.

Contudo, para demarcar sua identidade científica e delimitar sua posição enquanto campo, a constituição de um método é requerida. E, de modo geral, a Comunicação faz uso de métodos gerados em outras disciplinas científicas, transportando-os novamente para sua natureza interdisciplinar. É preciso mencionar que há muitos pesquisadores trabalhando com questões metodológicas que surgem dos setores deste campo (como jornalismo, publicidade, rádio, relações públicas etc.) e, dos primeiros estudos voltados para um objeto comunicacional até os mais recentes, percebe-se uma gama crescente de correntes, teorias e métodos que trabalham em um movimento de convergência de saberes especializados sobre a Comunicação (LOPES, 2006), não correspondendo a uma simples junção ou síntese.

Também é interessante mencionar que para além das tensões e convergências entre as áreas ditas mais consolidadas (como a Sociologia e a Política, por exemplo), a constituição da Comunicação como campo científico no Ocidente teve também disputas entre saberes profissionais, pragmatismo empresarial, investigação acadêmica e estratégias governamentais (MARQUES DE MELO, 2003). As mudanças globais na maneira de se comunicar influenciaram de forma decisiva os questionamentos e a constituição de uma série de estudos que hoje podem estruturar um campo próprio. A situação atual é de um processo singular de tentativa de consolidação deste campo nas mais diferentes partes do planeta. Conforme avalia Marques de Melo:

[Os investigadores de ciências da comunicação] Exercitam um diálogo instigante e criativo, enquanto produtores críticos de saberes comunicacionais, seja com os que os aplicam empresarialmente, seja com os que deles se valem para tomar decisões estratégicas nos organismos políticos (MARQUES DE MELO, 2003, p. 143).

Por outro lado, a força da transversalidade também aumenta, visto que a sociedade da comunicação sofre rápidas mudanças e exige outra dimensão epistemológica que perceba a instabilidade dos fenômenos e esteja em constante revisão/análise. Além disso, a ideia de uma opção marcada pela lógica disciplinar já não parece tão necessária. Braga (2010, p. 21) assinala que devemos:

[...] buscar argumentos, bases reflexivas e rigor crítico para tomar decisões de encaminhamento durante o processo mesmo de investigações. Nestas condições, todos os aportes metodológicos, de diferentes origens, podem ser bons conselheiros, na proporção de sua pertinência para o problema específico em investigação.

Chega-se, assim, à conclusão que o campo comunicacional enfrenta no âmbito de sua epistemologia a disputa entre ser autônomo, transformando-se em disciplina, e assumir sua interdisciplinaridade como um processo construtor de novos conhecimentos. Apesar do já explicado paradoxo, deixam-se claras as permeações de abordagens e perspectivas de outras disciplinas que acabam por fortalecer e ajudar no desenvolvimento de suas próprias metodologias, o que talvez, algum dia, resulte na inversão da interdisciplinaridade para a disciplinaridade. Hoje, porém, estas duas interfaces mesclam-se no decorrer do fazer a ciência comunicacional, expondo contradições mais ou menos visíveis de acordo com as linhas de estudo assumidas.

Elementos da epistemologia ambiental

O denominado campo ambiental começa a se constituir ou entrar em formação e reivindicar outros estatutos epistêmicos em um período de questionamento da episteme cartesiana e de seu fechamento disciplinar. O período favoreceu a emergência dos campos com pretensões interdisciplinares, que se renovam e se estruturam permanentemente em razão de diálogos e interações com campos disciplinares e outros não disciplinares.

Neste sentido, a necessidade de conformação de um campo ambiental começou a ocorrer nos anos 1960, em função da deterioração do ambiente dos países ditos desenvolvidos, e foi crescendo continuamente, atraindo interesse das esferas política, midiática, científica e outros setores sociais. Na década de 1980, a temática ganha força na América Latina, estimulando a criação de organizações não governamentais e outras associações que percebiam os efeitos da crise ambiental. Sem pretender fazer um detalhamento de como se deu o início do reconhecimento de um campo outro que se dedicasse ao Meio Ambiente, é importante mencionar que, embora problemas já se manifestassem anteriormente e grupos buscavam encontrar soluções, foi apenas recentemente (nos anos 1990) que foi possível estabelecer uma

[...] base institucional do campo ambiental e foram criadas as condições para a profissionalização de seus agentes, produtores e reprodutores da crença no valor da natureza (COSTA, 2005, p. 151).

Isso significa dizer que apenas há pouco mais de duas décadas é que foram estruturados departamentos, cursos, disciplinas dentro das universidades, leis, convenções, premiações e outras ações específicas ligadas ao Meio Ambiente.

Como campo ainda em formação e dependente de outras disciplinas e áreas, o ambiental convive com uma série de confrontos internos, típicos da tensão e constante negociação que permeia a interdisciplinaridade. Vários conceitos articulados no campo do Meio Ambiente trazem marcas e sentidos derivados de lutas por definições dentro e fora de suas conformações (COSTA, 2005), como é o caso de desenvolvimento sustentável, biodiversidade e ecologia.

O campo ambiental em formação centra-se em uma problemática complexa que perpassa as Ciências Sociais e Naturais: o Meio Ambiente. Ao que parece, sua episteme tem se pautado na ideia da construção de um alicerce que privilegie o olhar do todo ao invés do olhar da soma das partes sendo

compreendido como esse todo. Por meio do diálogo de saberes entre as disciplinas, este campo busca a construção de um novo saber: o ambiental. Leff (2006) coloca o respeito à diversidade, o pensamento complexo e o exercício da dialética como alguns pontos que devem ser levados em conta para a emergência de uma nova racionalidade que responda aos desafios da crise ambiental (resultantes do pensamento dominante no qual a economia e a tecnologia tudo podem sanar).

Os problemas enfrentados hoje são decorrentes de um processo histórico que fez emergir a ciência moderna e, conseqüentemente, impôs a fragmentação, a especialização e a compartimentalização dos conhecimentos, alterando profundamente as relações humanas e também as dos homens com a natureza. Desse modo, surge a necessidade de se expandir uma visão sistêmica e um pensamento holístico para a reconstituição de uma realidade ‘total’ (que reconecte as partes do todo). Como já foi dito, as disciplinas, conhecedoras profundas de cada parte, não conseguem dar conta da multidimensionalidade das questões ambientais em função de sua visão reducionista.

O campo ambiental seria assim o espaço científico com propósitos de articular os conhecimentos científicos e técnicos da relação sociedade-natureza a fim de refletir, analisar e propor soluções para a crise ambiental. Para tanto, reivindica práticas de pesquisas interdisciplinares, pois parte do pressuposto de que o Meio Ambiente precisa ser apreendido não como um objeto (tal como apregoa a tradição reducionista da episteme científica moderna), mas em sua complexidade. Embora Leff construa seu programa teórico-explicativo baseado em uma matriz sociocultural, é possível caracterizar seu diálogo de saberes como um exemplo de complementaridade com a teoria do pensamento complexo de Morin (2011), uma vez que ambos buscam reunir o paradoxo do uno e do múltiplo.

A complexidade pode ser vista como “[...] um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas” (MORIN, 2011, p. 13). Sob o olhar da ciência, a complexidade precisa enfrentar o emaranhado de conexões existentes entre os fenômenos para ultrapassar o entendimento fragmentado que está posto na maioria da sociedade. Pensando na dialógica entre ordem, desordem, interações e organização, Morin (2011) busca religar os saberes e apresentar o caráter multidimensional de toda realidade.

Tais pressupostos teóricos precisam estar interligados para dar conta dos múltiplos e simultâneos processos ambientais que ocorrem em escalas temporais e níveis de organização diversos.

Os fenômenos que se articulam à vida e não conseguem escapar da categoria ‘relação sociedade-natureza’, pela sua diversidade e infinitude, requerem perspectivas que mobilizem a tentativa de dar conta desta realidade tão complexa e em constante mutação e/ou interferência. Para tanto, o firmamento de novos laços colaborativos, que permitam trocas e novas compreensões entre as disciplinas e os campos de conhecimento, se tornam a base para suprir as limitações de cada área e desenvolver um conjunto de possibilidades outras que avancem no entendimento das questões ambientais.

Aqui cabe um parágrafo conclusivo admitindo que embora estes autores (dentre outros) muito têm colaborado para os processos de institucionalização e constituição de um campo calcado em uma epistemologia ambiental, é imperativo ressaltar que estas contribuições não são suficientes para se afirmar de forma categórica que este espaço está consolidado. Este artigo, de forma muito modesta, contribui com este processo à medida que se propõe a demonstrar como o ‘ambiental’ tem sido incorporado pelo campo da Comunicação, o que será visto na próxima seção.

Apropriações da episteme ambiental no campo da comunicação

O campo comunicacional começa a investir na aproximação com questões pertinentes ao campo ambiental em formação quando problemas graves e denúncias de ambientalistas foram aparecendo. John Hannigan (1995, p. 85) observa que, nos Estados Unidos, a preocupação com a conservação já existia em 1880, porém o dogma central do ambientalismo – de que tudo está ligado –, ainda nos dias de hoje não está totalmente incorporado à prática jornalística. Os veículos de comunicação só começaram a dar mais ênfase para coberturas ambientais na década de 1970, momento em que o movimento ambientalista e os campos disciplinares mais envolvidos com a relação homem-natureza começaram a buscar visibilidade na mídia. Logo, os estudos que abarcam a Comunicação e o Meio Ambiente e buscam evidenciar as frágeis relações entre sociedade e natureza, e as maneiras de se abordar tal vinculação para além de estereótipos e modismos, só surgiram recentemente.

Destaca-se que, especialmente no começo, o trabalho de comunicar e as próprias pesquisas do campo comunicacional relacionadas ao Meio Ambiente observavam as discussões ambientais a partir de sua perspectiva epistemológica, reduzindo o contato com este objeto de fronteira como mais um tema a ser enquadrado na sua lógica de

mediação/divulgação. Os primeiros contatos e articulações entre Meio Ambiente e Comunicação não levam em conta a epistemologia ou uma concepção ambiental, sendo que o campo comunicacional basicamente se apropria de dadas questões como temas (assim como o esporte ou a moda), que são trabalhados em função do seu próprio olhar.

No Brasil, Costa (2005) lembra que a época de legitimação do que ela considera como campo ambiental, já nos anos 1990, coincidiu com a ampliação maciça (*boom*) da mídia na cobertura desses temas.

Meio contemporâneo dominante responsável pela produção e circulação de sentidos nos diferentes campos, a mídia possibilita a visibilidade das instituições e dos agentes, tendo, portanto, uma forte influência sobre a opinião dominante em todas as áreas do conhecimento (COSTA, 2005, p. 155).

Assim, é importante notar que o contato da Comunicação com o Meio Ambiente acarretou, pela característica própria da primeira, a potencialização do alcance do discurso ambiental para além de suas trocas, contribuindo para sua legitimação diante de diversos setores da sociedade. A disseminação dos temas do campo ambiental também gerou amplo conhecimento e, às vezes, até mobilização de grupos sociais em decorrência do exercício da Comunicação. Por mais que enganos e falhas sejam percebidos nesse processo (já que o domínio de termos especializados e da lógica ambiental ainda não são considerados essenciais para a prática) é inegável o trabalho de fazer-conhecer e fazer-pensar que o campo comunicacional proporciona aos demais campos disciplinares.

Além disso, o fato da Comunicação colaborar com a dispersão das problemáticas e pautas do emergente campo ambiental permitiu que se abrisse um canal específico dedicado ao tema em diversos veículos e estimulou o surgimento de diversas especializações, todas no território da Comunicação, para o melhor desempenho da articulação de informações ambientais para o grande público. Como resultado concreto desta incorporação do ambiental no campo da comunicação, emergem as primeiras tentativas de sistematização e conceituação. Bueno (2007), por exemplo, conceitua a Comunicação Ambiental como

[...] todo conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental (BUENO, 2007, p. 30),

revelando uma amplitude de práticas comunicacionais que estão atreladas ao Meio Ambiente. São exemplos disso o Jornalismo

Ambiental, a Ecopropaganda, o Marketing Ambiental, a Comunicação Socioambiental, entre outras denominações. Aqui é importante dizer que nem todo tipo de comunicação sobre Meio Ambiente incorpora ou se apropria da epistemologia ambiental para determinar o seu fazer, porém há um movimento crescente de especializações desta interface que tende a ir além da mera inclusão do tema, sendo, muitas vezes, construído em função do contato e diálogo entre o campo comunicacional e a epistemologia ambiental. Cox (2009), por exemplo, pondera que a comunicação ambiental é muito mais do que falar de Meio Ambiente.

O Jornalismo Ambiental representa esse outro olhar, mais conectado, sobre os acontecimentos relacionados à esfera ambiental. O conhecimento do campo ambiental em constituição não é reconhecido simplesmente pelo seu objeto, o Meio Ambiente, mas pelo entendimento e adequação de sua episteme ao fazer jornalístico. De outro modo, quando se faz uma reportagem sobre uma questão ambiental e cumpre-se com a lógica e a perspectiva do jornalismo (de levar em conta os critérios de noticiabilidade, entrevistar mais de um lado da questão, ser claro e conciso, começar com o mais importante), tratando o fato ambiental da mesma forma que trataria um de essência política ou de polícia, fala-se em Jornalismo de Meio Ambiente. Entretanto, quando o fato ambiental é jornalisticamente construído levando em conta o pluralismo, a diversidade e buscando resolver da melhor forma possível o conflito epistemológico que envolve “[...] o saber ambiental (que pressupõe a totalização do saber) e o sistema fragmentado de produção jornalística” (BUENO, 2007, p. 17), estamos diante do Jornalismo Ambiental. Bueno (2007) chama atenção deste último jornalismo por estar ele preocupado com a perspectiva integrada e a dimensão histórica, buscando incluir na sua prática o saber ambiental.

O jornalismo ambiental precisa ter um caráter revolucionário, comprometido com a mudança de paradigmas, deve enxergar além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriaram da temática ambiental para formar ou reforçar a imagem. Deve suspeitar sempre do discurso pretensamente preservacionista de governos e organizações, buscando contemplar além de ações isoladas, quase sempre utilizadas como recursos mercadológicos e propagandísticos (BUENO, 2007, p. 17).

Soma-se a isso a função social do jornalismo atrelada ao desenvolvimento da sociedade que, ao reconhecer e partilhar a epistemologia ambiental, ganha enfoque mais amplo. Girardi et al. (2011, p. 109) dizem que “[...] a ideia de transformar uma sociedade alheia aos seus problemas em uma sociedade com cidadania ambiental norteia os rumos

do jornalismo ambiental” (GIRARDI et al., 2011, p. 109), evidenciando que a sua função em servir aos interesses públicos (de todos) passa pelo cuidado com a vida, com a sustentabilidade do planeta. E afirma ainda que a difusão de um novo olhar que incorpore a complexidade e respeite mais o Meio Ambiente, em nossa sociedade contemporânea, passa pela divulgação e legitimação da mídia.

Visto isso, nota-se que no campo comunicacional as trocas com a epistemologia ambiental trouxeram elementos para pensar o fenômeno comunicacional sob a perspectiva da complexidade, da visão sistêmica e holística e do agir levando em conta o todo e não a mera soma das partes. Não apenas a comunicação praticada para as temáticas ambientais foram repensadas, mas a nova concepção alterou percepções do campo em geral, especialmente no que tange o fazer de reportagens (textos jornalísticos feitos com a preocupação de esclarecer conexões que nem sempre são evidentes).

O reducionismo da ciência moderna permanece presente em muitos aspectos da comunicação midiática e como exemplos podem-se citar as notícias, que muitas vezes são feitas buscando satisfazer apenas o *lead* jornalístico (que seria apenas o começo da notícia e significa responder o que aconteceu, como, quem estava envolvido, onde, quando e por que), e a velocidade cada vez mais acelerada da Comunicação que, em função do curto tempo, tende a fragmentar a informação. Porém, diante das complexas relações que, cada vez mais, manifestam-se na sociedade contemporânea, percebe-se que a tradição moderna de produzir conhecimentos somente considerando as partes se mostre insuficiente para dar conta dos frágeis engendramentos, muitas vezes ocultos, vinculados à Comunicação e ao Meio Ambiente. Para que a Comunicação consiga articular de forma mais abrangente e plural a questão ambiental faz-se necessário, ao menos, um alargamento deste reducionismo, um afrouxamento das amarras impostas pelo ‘preço’ de querer também ser uma disciplina autônoma, de buscar inserção e reconhecimento diante de outras já adeptas do método cartesiano.

A importância do contexto e do emaranhado de relações que constituem um fato volta à tona com a incorporação do ambiental pelo campo da Comunicação, embora a implementação do fazer não dependa apenas dos sujeitos profissionais e teóricos da área, mas também da conjuntura de cada fazer. Assim como a interdisciplinaridade, a complexidade está muito alinhada à reflexão de ambos os campos.

Considerações finais

Embora o campo comunicacional ainda se aproprie de forma superficial de diversas questões que podem ser postas como pertencentes a esse campo ambiental em formação, percebe-se que há um interesse em conhecer e dialogar com a epistemologia própria que cerca o objeto denominado Meio Ambiente. Ainda que as trocas não sejam tão intensas, há dentro do campo da Comunicação um entendimento de que o Meio Ambiente não é apenas mais um tema da moda a ser trabalhado conforme sua perspectiva, derivando para isso áreas específicas que deveriam realizar um trabalho mais aberto, disposto a outras conexões e arranjos. A Comunicação Ambiental surgiu dessa necessidade e vem se aprimorando com o entendimento de que a comunicação para a sustentabilidade demanda responsabilidade e conhecimento, e que a apropriação de ideias oriundas do pensamento ambiental podem melhorar a efetividade de sua ação e auxiliar na disseminação de outros pensamentos.

No Brasil – e mesmo no mundo, de forma geral –, as práticas e estudos da Comunicação Ambiental ainda são muito recentes, mesmo que haja reconhecimento de seu papel fundamental para o estabelecimento de agendas ambientais e consequente discussão delas pela sociedade. O surgimento de uma área que buscasse dar conta desta interface se deu tanto pelo aumento de inserção da temática nas práticas profissionais do campo comunicacional quanto em função da desconstrução das visões tradicionais acerca da natureza. Aguiar e Cerqueira (2012) apresentam uma síntese do estado da arte desta área e afirmam que são predominantes as pesquisas empíricas sobre Jornalismo Ambiental e o papel da mídia na educação ambiental. No cenário brasileiro, os estudos voltados para entender os efeitos provocados pelos conteúdos ambientais divulgados são os dominantes.

O desenvolvimento e o fortalecimento deste diálogo são verificados não apenas pelo aumento de estudos dedicados à área, mas pela institucionalização de eventos (científicos ou não) e redes destinadas à discussão e aprimoramento deste fazer, como é o caso da Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia), no Brasil, e da International Environmental Communication Association (IECA), no contexto internacional. Contudo, é importante dizer que os pontos de encontro entre estes dois campos ocorrem em graus diferentes, com mais ou menos intensidade e cumplicidade. Tais articulações enfatizam aspectos diferentes e nem sempre estão atreladas à episteme ambiental.

De qualquer forma, o fato é que o campo comunicacional vem assumindo uma postura mais atrelada à essência do campo ambiental, seja por entender que sua perspectiva prática não dá conta da complexidade do objeto, seja pela percepção do papel-chave que tem no enfrentamento dos problemas e dilemas socioambientais com os quais nos defrontamos hoje. Del Vecchio de Lima et al. (2013) já apontam a necessidade de compreender esta relação de interface, respeitando a natureza de cada um dos campos. Para estes autores, a Comunicação Ambiental abrange o

[...] conhecimento e a incorporação dos aspectos epistemológicos do campo ambiental [...] interconectados com o cuidado de promover a relação com o outro, de maneira não instrumental, oriundo do campo comunicacional (DEL VECCHIO DE LIMA et al., 2013, p. 10).

Assim, este movimento de olhar as possibilidades de encontro entre tais campos já começou, mas precisa avançar a fim de melhor compreender as dinâmicas e os desafios que se apresentam nos estudos de interface. Investigações derivadas das havidas neste texto poderão encorajar os epistemólogos do campo comunicacional a assumirem que talvez a singularidade da Comunicação esteja associada à interdisciplinaridade e à expansão de seus estudos em direção aos trabalhos de interfaces. De forma similar ao campo ambiental, partindo desta análise reflexiva preliminar, o campo comunicacional se constitui e se reconstitui por causa do contato com os contornos de outros campos disciplinares. Nesta perspectiva, a reflexão acerca dos processos de (re)constituição do campo ambiental é por demais inspiradora para analisar os contornos do campo comunicacional em geral e da Comunicação Ambiental em particular.

Referências

- AGUIAR, S.; CERQUEIRA, J. F. Comunicação Ambiental como campo de práticas e de estudos. **Comunicação e Inovação**, v. 13, n. 24, p. 11-20, 2012.
- ALMEIDA JR., A. R.; MOLINA, S. M. G.; MARTIRANI, L. A.; BALLESTER, M. V. R.; GARAVELLO, M. E. P. E.; VERDADE, L. M.; VICTORIA, R. L. Interação interdisciplinar: a experiência da Pós-graduação em Ecologia Aplicada da USP. In: PHILIPPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011. p. 298-324.
- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. **Revista Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.
- BRAGA, J. L. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação. In: FERREIRA, J.; FREITAS, L. A.; PIMENTA, F. J. (Org.). **Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. p. 19-37.
- BUENO, W. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**. São Paulo: Majoara Editorial, 2007.
- CAPPARELLI, S.; STUMPF, I. O campo da comunicação revisitado. In: CONGRESO DE LA ASOCIACION LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 5., 2000, Santiago do Chile. **Anais...** Santiago do Chile, 2000.
- COSTA, L. M. A formação do campo ambiental: um resgate histórico do contexto nacional e amazônico. **Tempo da Ciência**, v. 23, n. 12, p. 147-176, 2005.
- COX, R. **Environmental communication and the public sphere**. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 2009.
- DEL VECCHIO DE LIMA, M. R.; LOOSE, E. B.; SILVA, P. J.; DUARTE, V.; SCHNEIDER, T. C.; MEL, D. S. A comunicação ambiental como forma de enfrentamento dos dilemas socioambientais. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 2., 2013, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2013. p. 1-13.
- GIRARDI, I.; LOOSE, E. B.; SIRENA, M.; PEDROSO, R. N. Jornalismo Ambiental na construção da cidadania. In: MORIGI, V.; GIRARDI, I.; ALMEIDA, C. (Ed.). **Comunicação, informação e cidadania**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 107-118.
- HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental – a formação de uma perspectiva social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 73, p. 1-23, 2005.
- LOPES, M. I. V. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**, v. 1, n. 30, p. 16-30, 2006.
- LOPES, M. I. V. O campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, n. 48, p. 46-57, 2000-2001.
- MARTINO, L. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. **Revista Argentina de Comunicación**, v. 3, p. 125-136, 2009.
- MARQUES DE MELO, J. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MUÑOZ, B. **Teoría de la pseudocultura: estudios de Sociología de la Cultura e de La Comunicación de Masas**. Madri: Fudamentos, 1995.

PERUZZOLO, A. C. **A comunicação como encontro**. Bauru: Edusc, 2006.

RAYNAUT, C. Meio Ambiente e Desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 10, p. 21-32, jul./dez., 2004.

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011. p. 69-105.

RUDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

VIEIRA, P. F. Pesquisa e formação no campo das Ciências Ambientais na UFSC -Possibilidades e obstáculos à

integração interdisciplinar. **Educacion Superior y Sociedad**, v. 4, n. 1-2, p. 167-179, 1993.

VIEIRA, P. F. Social Sciences and Environment in Brazil: a State-of-the-art report. **Working papers**, n. 24, p. 1-73, 1998.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília: UNB, 2004.

Received on January 31, 2013.

Accepted on June 14, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.